

Constantino K.
Riemma:

[mb:focoestratégico]

Glicério B

Pequeno ensaio metodológico

Preparado com exclusividade para
LABPARC/FAU

Dezembro 2003

[I]

Introdução

1. Contexto

- Através de contrato entre a FUPAM e a SEHAB, o LABPARC realiza estudo com o objetivo de fornecer subsídios para uma proposta de intervenções pontuais em duas regiões da cidade de São Paulo: o PRIH-Brás e o PRIH-Glicério A e B.
- O estudo constará de levantamento morfológico e de uso dos espaços públicos e pressupõe que as intervenções estejam em sintonia com as necessidades da população local.

1. Contexto

- A fim de conhecer as expectativas da população, o LABPARC decidiu realizar um pequeno estudo qualitativo junto a segmentos do Glicério B.
- Duas preocupações orientaram a pesquisa:
 - Compreender as demandas da população
 - Iniciar um novo procedimento interno ao LABPARC no sentido de abrir novas perspectivas de investigação e aproximação às populações que serão alvo de intervenções.

2. Objetivos

- O estudo foi norteado pelos seguintes objetivos centrais:
 - Levantar a relação que os moradores estabelecem com o bairro, dos pontos de vista concreto, emocional e simbólico.
 - Conhecer as principais demandas em relação aos espaços públicos disponíveis no local.

3. Áreas de abordagem

- Relação com o bairro – significados objetivos e subjetivos
- Memória espacial dos moradores do perímetro do Glicério B
- Significados atribuídos aos espaços públicos locais
- Dia-a-dia no bairro – rotinas, hábitos espaciais, percursos, significados, ícones, símbolos marcantes

3. Áreas de abordagem

- Relações de vizinhança
- Principais marcos da paisagem – percepção, significados, expectativas
- Espaços preferidos; espaços vedados; espaços deteriorados
- Relação com marcos da paisagem
- Expectativas e desejos de interferência na paisagem

4. Metodologia

- O estudo foi realizado através do método qualitativo, utilizando-se a técnica da Discussão em Grupo.
- Foram realizados 4 grupos compostos de moradores do Glicério B, assim estruturados:
 -
 - 1 grupo de jovens com idades entre 16 e 20 anos
 - 1 grupo de jovens adultos com idades entre 23 e 35 anos
 - 1 grupo de adultos de 36 a 45 anos
 - 1 grupos de “maduros” com idade superior a 46 anos

5. Roteiro

- **Apresentação**
- **Aquecimento – quem são; como é o dia-a-dia; finais de semana; o que costumam fazer; tempo de moradia no bairro; onde moram; com quem; como chamam o bairro**
- **Relação com o bairro –**
 - Sentimentos em relação ao bairro
 - Histórias pessoas X bairro
 - Principais lembranças – trajetos, pontos de encontro, locais com significados especiais
 - Pontos positivos e pontos negativos
 - Pontos de referência do bairro – como as pessoas se localizavam; como o bairro se caracterizava
 - Pontos de referência atuais

5. Roteiro

- **Os espaços públicos**
 - Descrição dos itinerários diários e marcos significativos da paisagem
 - Construção de colagem ou maquete
- **O bairro de cada um**
 - O que é necessário para um lugar ser chamado de bairro?
 - O bairro ideal
 - O que o faz ser um bairro e o que falta para isso?
 - Aspectos aconchegantes, convidativos, especiais, desagradáveis, assustadores...
- **Recados aos profissionais**

[II] Análise

1. Pressupostos

➔ O “homem comum”, além de consumidor, é também **autor**.



Noção válida especialmente para os que ocupam as posições mais “fracas” no cenário social.

1. Pressupostos

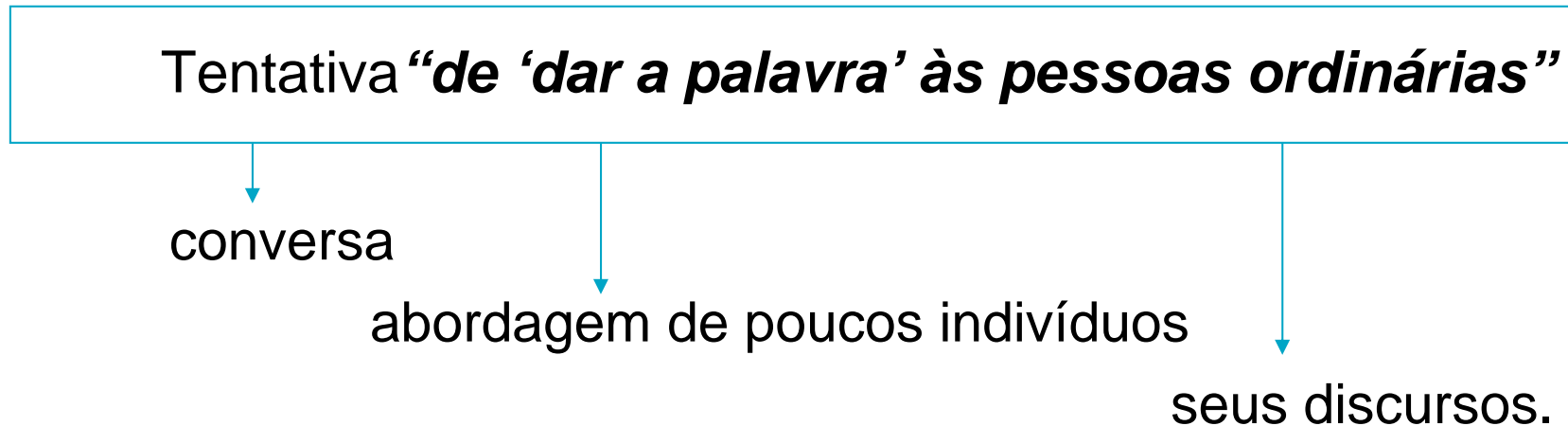
- Esse trabalho:

Trata do **“homem ordinário. Herói comum. Personagem disseminada. Caminhante inumerável”**. (...) **“Herói anônimo (que) vem de muito longe. É o murmúrio das sociedades”**. (Certeau, pg 57)

1. Pressupostos

→ A Antropologia e a Sociologia ocupam-se do anônimo e do cotidiano.

Esse trabalho:



1. Pressupostos



Ponto de incidência do olhar:



as práticas comuns, o cotidiano.

1. Pressupostos

➔ Práticas “**táticas**” X estratégicas

“Habitar, circular, falar, ler, ir às compras ou cozinhar, todas essas atividades parecem corresponder às características das astúcias e das surpresas táticas: gestos hábeis do ‘fraco’ na ordem estabelecida pelo ‘forte’, arte de dar golpes no campo do outro, astúcia de caçadores, mobilidades nas manobras, operações polimórficas, achados alegres, poéticos e bélicos”.
(Certeau, pág. 103)

- Encontramos...

Uma tentativa de apreender a “fabricação” de outros sentidos
na apropriação dos bens

o espaço público,

os produtos do supermercado,

as notícias do jornal,

as novelas da TV...

A noção de “conhecimento prévio” (Zygmunt Bauman)

“Cada um de nós, em nossas atividades diárias, e sem muito pensar a esse respeito, utiliza um número tremendo de produtos dessa pré-seleção (...) que se unem para o que Schütz chama de ‘fundo de conhecimentos à mão’. Sem tal conhecimento, viver no mundo seria inconcebível. Nenhum de nós pode construir o mundo das significações e sentidos a partir do nada: cada um ingressa num mundo ‘pré-fabricado’, em que certas coisas são importantes e outras não o são (...). Acima de tudo, ingressamos num mundo em que uma terrível quantidade de aspectos são óbvios a ponto de já não serem conscientemente notados e não precisarem de nenhum esforço ativo, nem mesmo o de decifrá-los , para estarem (...) presentes em tudo o que fazemos – dotando (...) nossos atos (...) de uma solidez de ‘realidade’ “. (Bauman, O Mal-Estar da Pós-Modernidade, pág 17)

2. De quem e com quem falamos?

- Paradigmas da era pós-moderna(segundo Bauman):

→ as idéias de mal-estar, insegurança, incerteza, fluidez das relações sociais, desordem...

X

→ as idéias de segurança, estabilidade, certeza, regulação, ordem.

2. De quem e com quem falamos?

- A idéia da pureza:
 - Um ***“ideal, visão da condição que ainda precisa ser criada, ou da que precisa ser (...) protegida (...)”***. (Bauman, pág 13)
 - Pureza: ***“uma visão das coisas colocadas em lugares diferentes dos que elas ocupariam, se não fossem levadas a se mudar para outro, (...); e é uma visão da ordem – isto é, de uma situação em que cada coisa se acha em seu justo lugar e em nenhum outro”***. (Bauman, pág 14).

2. De quem e com quem falamos?

Ordem = norma = lugar certo

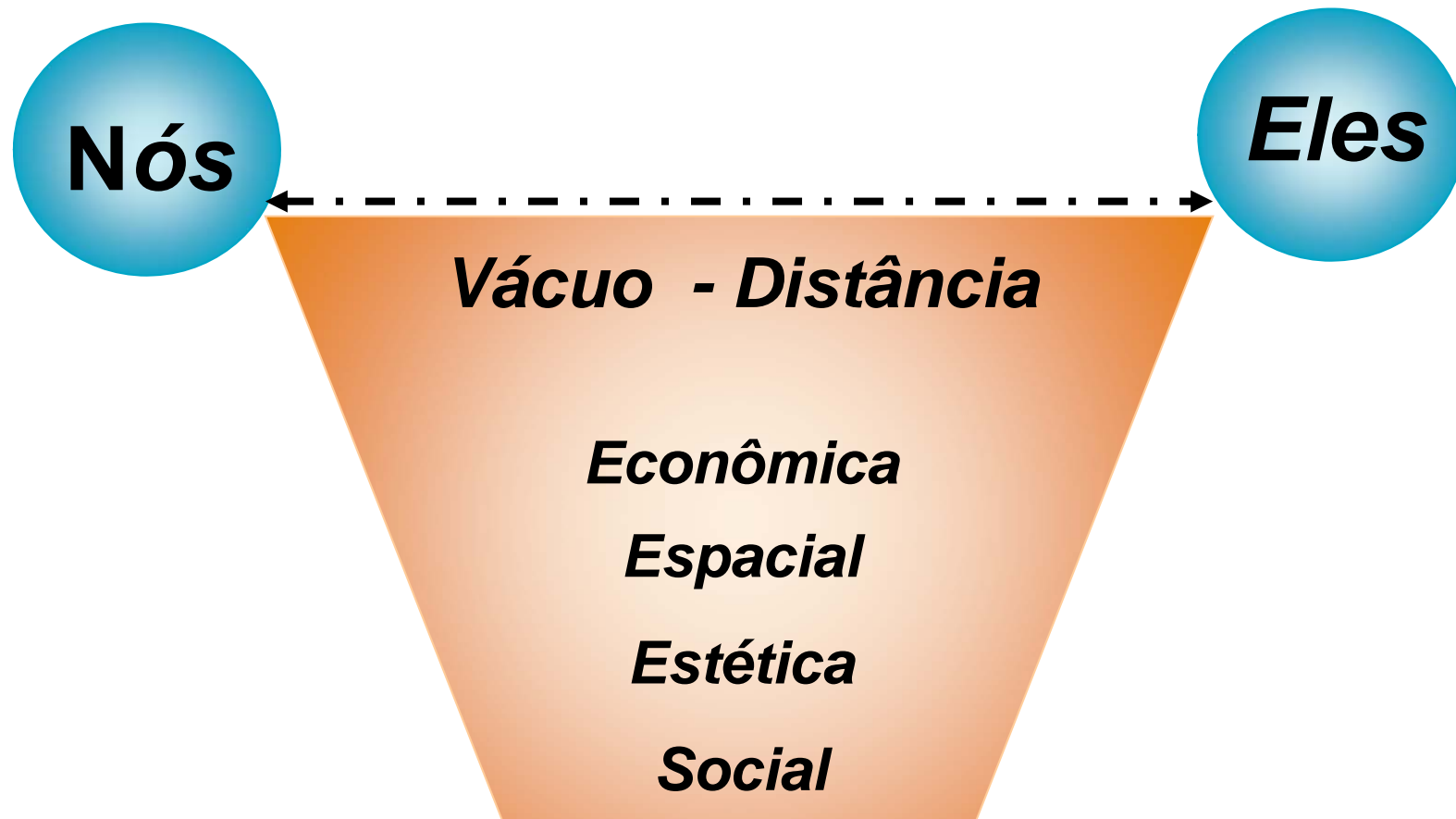
X

As coisas “fora do lugar” = desordem, sujeira, o instável, o inseguro.

2. De quem e com quem falamos?

“A sujeira ‘é essencialmente desordem. Não há nenhuma coisa que seja sujeira absoluta. Ela existe ao olhar do observador (...) A sujeira transgride a ordem. Eliminá-la não é um movimento negativo, mas um esforço positivo para organizar o ambiente’”. (Bauman citando a antropóloga Mary Douglas, pág 16)

2. De quem e com quem falamos?



2. De quem e com quem falamos?

- No mundo pós-moderno, o “teste da pureza” é

“Mostrar-se capaz de ser seduzido pela infinita possibilidade e constante renovação promovida pelo mercado consumidor, de se regozijar com a sorte de vestir e despir identidades, de passar a vida na caça interminável de cada vez mais intensas sensações e cada vez mais inebriante experiência. Nem todos podem passar nessa prova. Aqueles que não podem são a ‘sujeira’ da pureza pós-moderna”. (Bauman, pág 23)

2. De quem e com quem falamos?

- “Critério” da pureza:

Aptidão para o consumo.

X

Os “consumidores falhos”: *“incapazes de responder aos atrativos do mercado consumidor porque lhes faltam os recursos requeridos, pessoas incapazes de ser ‘indivíduos livres’ conforme o senso de ‘liberdade’ definido em função do poder de escolha do consumidor”.* (Bauman, pág 24)

2. De quem e com quem falamos?

Se “a busca da pureza moderna expressou-se diariamente com a ação punitiva contra as classes perigosas; a busca da pureza pós-moderna expressa-se diariamente com a ação punitiva contra os moradores das ruas pobres e das áreas urbanas proibidas, os vagabundos e indolentes”. (Bauman, pág 26)

2. De quem e com quem falamos?



O “*estranho*”

É odioso, temido, evitado.

Ameaça mais quando está em seu próprio mundo do que no “mundo dos estranhos”.

2. De quem e com quem falamos?

- Os “**consumidores**” não visitam as regiões da cidade habitadas pelos “estranhos”:

“áreas habitadas por pessoas incapazes de escolher com quem elas se encontram e por quanto tempo, ou de pagar para ter suas escolhas respeitadas; pessoas sem poder, experimentando o mundo como uma armadilha, não como um parque de diversões; encarceradas num território de que não há nenhuma saída para elas, mas em que outras podem entrar ou sair à vontade”.

2. De quem e com quem falamos?

- Os “***estranhos***” recorrem aos únicos recursos de que dispõem:

DEFESA DO SEU (?) TERRITÓRIO

2. De quem e com quem falamos?

- Através de:

“rituais, vestindo-se estranhamente, inventando atitudes bizarras, quebrando normas, quebrando garrafas, janelas, cabeças (...)”. (Bauman, pág 41/42)

Alguma semelhança com o bairro estudado?


2. De quem e com quem falamos?

- Ao estudar as práticas de um “outro”...


“ Sempre é bom recordar que não se devem tomar os outros por idiotas’. Nesta confiança posta na inteligência e na inventividade do mais fraco, na atenção extrema à sua mobilidade tática, no respeito dado ao fraco, sem eira nem beira, móvel por ser assim desarmado em face das estratégias do forte, dono do teatro de operações, se esboça uma concepção política do agir e das relações não igualitárias entre um poder qualquer e seus súditos”. (Certeau, pág 19)

3. O que encontramos?

Uma gama de articulações do discurso -
do mais ao menos articulado.



Práticas de sobrevivência, de circulação, consumo e
reprodução:



a percepção de mundo dos respondentes.

3. O que encontramos?

- **Uma primeira distinção**

⇒ **Nós**, os moradores do Glicério e **vocês** os pesquisadores.

- O que desejam que seja dito?
- O que esperam de mim?
- Poder falar, manifestar uma opinião. Quando isso antes?
- Mas há, também, o temor da represália ao gravar um depoimento.
- Quem são vocês? Autoridades? Pontes entre nós e os outros?

3. O que encontramos?

⇒ Até que ponto a “pobreza” dos outros transforma-se em objeto de discurso apenas na presença de outros “**outros**” (os não-iguais)?

⇒ Os **iguais** transformados em outros, distanciados:

- Mais miseráveis,
- Abandonados,
- Excluídos,
- Carentes.

3. O que encontramos?

- Uma segunda distinção

Nós
Moradores
convidados a falar.

Pobres mas
honestos, dignos.

Eles
Moradores sobre
os quais se fala.

Corticeiros,
perigosos, sujos,
contaminados.

Todos
Feios, sujos,
despossuídos.

3. O que encontramos?

- **Um lugar**
 - O bairro: lugar que “não é bom de se pensar”:
 - “Falta quase tudo”
 - Falta relação entre as pessoas...
 - A sensação recorrente de abandono e vazio:
 - Lugar esquecido, gente esquecida.
 - Feios, sujos, pobres: as ruas, as praças, as pessoas.

3. O que encontramos?

“Tem muita gente carente, que mora em cortiço, pegando a Av. Glicério até o Centro, só tem cortiço, é uma moradia precária, uma coisa assim, que sei lá... (...) Dá dó, como pode as crianças viverem daquele jeito? como as pessoas podem viver daquele jeito, as famílias, as mulheres, têm 5, 7, 8 filhos, tudo pequenininho, tudo no meio da rua? entra dentro e tem portão de madeira caindo aos pedaços, os quartinhos são tudo assim, é terrível, fico impressionada quando eu vejo as coisas”.

3. O que encontramos?

- Quase nunca referido pelo nome correto:

“Eu chamo de Liberdade”.

“Cambuci, Centro, perto do Glicério, da Liberdade”.

“Você fala que mora no Glicério... Já acham que você está no meio, infiltrado no meio da marginalidade...”

“Acho que é muita pobreza, muita gente carente”.

“Aqui no Glicério... Inclusive eu conhecia uma rapaziada que chegou a morrer. O crime está em todo lugar, desde a infância ao adulto, o crime está em todo lugar”.

“Eu sou uma... ‘na Baixada do Glicério não moro nem que a vaca tussa!’ “

“Não sei... Vêm a Baixada como se fosse a Baixada Fluminense do Rio de Janeiro”.

3. O que encontramos?

- A dignidade permanece no interior de cada um e no interior de cada casa.
- O espaço “público” não permite a sua expressão.

“... A rua é ruim para você ficar, mal feita, não tem nada o que fazer, a gente fica só conversando um pouco, depois a gente entra”.

3. O que encontramos?

- O que distingue cada um dos “outros”?
- O que atesta a minha “limpeza” e correção?

“... A gente conhece bastante pessoas, só que tem uns que são mais errados, se a gente tiver que falar é só ‘oi’, porque você já confundido direto com ladrão aqui, se andar com a pessoa errada, aí vai ficar mais visado ainda, a gente tem que evitar algumas pessoas por isso”. (...) “É o maior chato! Você sai na rua, está andando, os policiais mandam encostar na parede, revistam dos pés à cabeça... (...)é chato... Tem vezes que é 3 vezes na mesma rua... Pergunta se usa droga, se tem passagem pela Febem...”

3. O que encontramos?

- Risco de ser confundido com os “perigosos”.
 - ⇒ Para os jovens, mais difícil é a diferenciação.
 - ⇒ Mais adultos, os indicadores de diferenciação são mais claros.
 - ⇒ Na maturidade, ainda mais... a senhora de 81 anos é, seguramente, uma mulher respeitável.

3. O que encontramos?

– Para quem tem história no lugar, o **bairro foi diferente**:

⇒ Mais calmo, mais bonito, mais limpo, mais solidário, mais importante no contexto da cidade.

- Tinha os italianos da Rua São Paulo
- O Parque Xangai
- As festas na rua (Festa Junina, Carnaval...)
- Cinema
- A conversa na calçada com cadeiras
- Tinha o Morro do Piolho

3. O que encontramos?

“A minha rua era bonitinha... Agora cada um que compra (imóvel), já modifica tudo, está ficando feia a minha rua. Derrubam e fazem tudo moderno”.

“Cada prédio que cai, assim, eu choro pra caramba”.

“É que nem aquele lá, da ‘Saudosa Maloca’ “.

“A gente vivia antigamente, filha, agora é que não se vive mais!”

3. O que encontramos?

- **Ou não:** mais perigoso, mais violento, mais pobre, mais esquecido.
- Para quem está enraizado no presente, o bairro é o que é hoje: “ruim de se morar”.

“Eu não curto nada aqui, mesmo. Só jogar bola... Porque não tem nada pra fazer aqui”.

- Desejo de mudar-se, especialmente entre os jovens.

3. O que encontramos?

- Idealização do outro lugar:
 - A “vila” na periferia da cidade: vida calma, amizade e solidariedade, opções de lazer...

“Jovens da minha idade aqui não tem opção, não tem nada para fazer. Eu me baseio como se fosse morar onde meus amigos moram, na Zona Leste, São Mateus... eu ligo e pergunto: ‘o que você está fazendo?’ ‘Ah, daqui a pouco vou jogar basquete’ ou ‘vou ao centro cultural porque está tendo evento’... E fico pensando e falo: ‘mãe, se for juntar dinheiro, vamos comprar uma casa lá na Zona Leste’... Porque aqui não tem nada para fazer”.

3. O que encontramos?

- Adultos e idosos gostam de morar no Glicério:
 - localização central
 - acesso fácil a transporte público
 - proximidade de bairros “bons”.

“Eu adoro morar aqui, gosto muito desse bairro do Cambuci, é tudo perto, perto do centro, tem ônibus pra tudo que é lado... Perto do metrô, da Estação dom Pedro, pode ir até à pé. E tem o bairro do Ipiranga, também, que é perto, tudo perto, uma beleza... O duro é pagar aluguel...”

3. O que encontramos?

- As **coisas “boas”** do Glicério são de outros bairros:
 - O Largo do Cambuci
 - A Feira Liberdade;
 - O Parque Dom Pedro;
 - O Sesc Carmo...
 - A “Barroca” (onde os meninos jogam futebol)

3. O que encontramos?

- O caminhar “tático”:

“Eu ando bastante de carro, mas também gosto de ver ruas limpas, não esburacadas, não gosto de nada velho!”

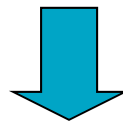
“Eu passo para o outro lado da calçada, desvio... Quando eu vejo que tem muita polícia, confusão, desço pela outra rua, desvio... Dá medo porque são pessoas violentas, às vezes você está passando... Um dia passando com minha amiga, ela estava bem vestida e nesse cortiço tem pessoas revoltadas, falaram assim: ‘seu tênis é bonito’... As meninas são mal-encaradas, você está passando, olha pro lado e falam: ‘o que você está olhando?’ e começam a fazer ‘barraco’”.

3. O que encontramos?

- A maior parte dos moradores costuma circular a pé:
 - Falta de recursos
 - Hábito de caminhar
 - Intimidade com a região

4. Necessidades e reivindicações

- A insistência na falta de segurança
 - Aumentar a segurança
 - Limpar, iluminar, conservar ruas e logradouros públicos
 - Oferecer alternativas de lazer e convivência



- **Minimizar o sentimento de exclusão e não-pertencimento**

4. Necessidades e reivindicações

- **Que tipo de equipamentos coletivos de lazer e convivência?**
 - **Criação de pequenos espaços**
 - “Protegidos”, aconchegantes, seguros
 - Bem-cuidados, limpos, bonitos (dentro dos critérios estéticos dos moradores)
 - Que permitam estabelecer novos referenciais locais
 - Que aumentem a auto-estima dos moradores

4. Necessidades e reivindicações

- **Trabalhar, especialmente, o segmento jovem da população local**
 - Divulgar disponibilidade de equipamentos próximos do bairro (como SESCs, quadras esportivas, clubes)
 - Estabelecer parcerias com as escolas locais no sentido de abrir o seu espaço a atividades e convivência jovens

4. Necessidades e reivindicações

➤ **Monitorar as intervenções**

- Avaliar grau de aceitação e decodificação
- Aprofundar a investigação de motivações e expectativas
- Medir o impacto sobre o bairro

Escritório Moyses & Bartalini Ltda.

Rua Capote Valente 432 cj 95 CEP 05409-001

Fone Fax 3088 8871 3486 3530

mb@mbfocoestrategico.com.br

www.mbfocoestrategico.com.br